

POVOS DO LEVANTE

Livro 52

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



DESCARTES

“É humanamente impossível que o homem seja uma máquina”



AS NAUS

As naus prestes a partir despejavam saudades nos cais onde alvoroço se confundia com a agonia cercando beijos e abraços. Navegaram os penares entre mares e gentes, com medos, incertezas e outras incompreensões da vida.

INTERIORES

Embarcado naquele porto, entendi que deveria conviver intimamente por 50 dias com aquele navio que me conduziria a terras estranhas. Desde o convés, uma enorme âncora recolhida via na minha expressão uma escuridão no olhar e um gosto de cinzas na minha despedida. Saudades aglomeradas disputavam um lugar na multidão de vazios novos. Caminhei 50 dias com os olhos encravados entre as estrelas e o mar. Experimentei pessoalmente que nas despedidas se perdem pedaços, se desmoronam interiores.



DELES E NOSSO

Os primeiros e os últimos familiares estão confundidos com o barro, com o ar tornado pó da montanha original, o fogo, com o barco no Atlântico e o berço do sol no mar Mediterrâneo, a água nos jardins tornada fonte, espelho e movimento. O que foi deles será nosso e dos que nos sucederão.

POVOS DO LEVANTE

A paciência cunhada pelos povos do Levante nos fez saber que suas memórias precursoras consideravam que o amor-raiz, sem pressa, veio para ficar.



CONSTRUIR A PAZ

Os fenícios não investiram na produção de armas, por não ser um povo das guerras produzindo através da diplomacia e do comércio. As diferenças e as alianças limitadas entre as cidades-estado, eles sobreviviam pela construção de uma sobrevivência conveniente com os impérios vizinhos construída pela riqueza cultural e econômica. Pagando tributos ao novo reino do Egito (1550-1069 a.C.) e o reino de Israel (1030-930 a.C.) que os protegeram mediante pagamento.

A PAZ ALCANÇADA

Até o império neo-assírio (934-694 a.C.) foram aceitos os acordos por alguns séculos. Na década de 730 a.C., no entanto, o rei Tiglate-Pileser III invadiu e conquistou Tiro, então a cidade fenícia mais próspera. Tiro não foi destruída, mas perdeu muito da sua autonomia. À conquista dos Assírios, se seguiriam a dos Persas sob Ciro I (539 a.C.) e a dos Macedônios de Alexandre Magno (332 a.C.) que arrasaram a cidade. Nada restaria da Fenícia original, exceto sua maior criação: Cartago.



FUNDAÇÃO DE CARTAGO

Fundada em 814 a.C., Cartago começou a receber migrantes do Oriente Médio conforme a situação piorava, e tornou-se independente em 650 a.C. Em 308 a.C., virou república. Cartago aprendeu uma lição com sua antiga metrópole: dinheiro não compra a paz indefinidamente. O império Cartaginense venceu uma

série de guerras contra os gregos, entre 480 e 275 a.C. A última dessas guerras, chamada Guerra Pírrica (280-275 a.C.), acabaria tendo um custo inesperado. Ela tornaria seus aliados, os romanos, em inimigos mortais.



SURGIMENTO

O vazio deixado pela decadência das civilizações que dominavam a Idade do Bronze ao redor de 1.200 a 1.100 a.C. ocorrido por causas insuficientemente conhecidas, se abriu espaço para o comércio fenício. No vazio de Gregos, egípcios e hititas em decadência surge a percepção dos fenícios determinando a construção de uma rede comercial como meta de oferecer produtos desconhecidos dos povos por onde navegaram.

NURA

Luz é o significado que se outorgou a Nura, título que provém do idioma árabe. Outro alcance que tem o nome Nura é “a que está cheia de luz”. Tudo isto leva a considerar que a quem seja outorgado tal nome, será bendita em sua vida. A maioria das mulheres chamadas Nura nasceram em um família árabe-espanhol. Ainda que, na Espanha existam somente umas 35 pessoas aproximadamente que estão registradas como Nura. O diminutivo de Nura é Nur, ainda que não significam exatamente o mesmo, enquanto Nura significa luz, Nur se define como dia.



VINHOS E PAPIROS

O comércio dos fenícios, apresentava produtos de outros povos, vendiam vinho grego aos egípcios, e papiro egípcio aos gregos.

A palavra “byblos” passou a significar “papiro” em

grego porque eram os comerciantes de Biblos que os supriam com o material. Com o tempo, biblos também significava o conteúdo do papiro, isto é, o livro, palavras como biblioteca e Bíblia tiveram assim sua origem.



COLONIAS

Os navios fenícios tinham uma autonomia limitada as suas dimensões, faziam rotas próximas à costa, por isso estabeleceram mais de 300 colônias em pequenas vilas com menos de mil habitantes. Nessas colônias criaram-se entrepostos com função de armazenamento daquilo que transportavam.

VILAS

Essas vilas não eram possessões coloniais no sentido moderno – eram estabelecidas com o consentimento dos moradores da região e não tinham zona rural, dependendo dos locais para suprir-lhes alimentos. Era mais um entreposto que colônia, num modelo que os portugueses repetiram 2 mil anos depois com suas feitorias asiáticas.



GUERRAS PÚNICAS

Os romanos saíram da guerra confiantes em sua capacidade militar, e menosprezando a dos cartagineses, que tiveram várias derrotas. Sob o pretexto de uma aliança com um grupo de mercenários, os romanos declararam guerra a Cartago em 264 a.C., iniciando a 1ª. Guerra Púnica. Roma venceria, ficando com a Sicília, e cobraria tributos. Para pagar tais impostos, os cartagineses expandiram seu domínio na Espanha pela via militar, tomando cidades dos celtas locais.

INOVAÇÕES

Para deslocar-se pelo Mediterrâneo, os fenícios inovaram, entre as mais importantes inovações as relacionadas à tecnologia naval. Os navios de guerra usados pelos romanos e gregos eram basicamente uma criação fenícia. Foi deles a ideia de construir um navio a partir de um esqueleto posto numa doca seca, a partir da quilha central, outra invenção sua. Foi deles a ideia de construir um navio a partir de um ousado posto em uma doca seca, a partir da quilha central, outra invenção sua.



AS CASAS

Destacando que a base documental de toda cultura Fenícia segue sendo reduzida devido a múltiplos fatores, o que impede uma reconstrução integral dos modos de vida. A organização político-territorial hierarquizada na região de Sulcis, manifesta nas casas ali investigadas tipos de assentamento segundo sua

categoria. Núcleos de primeira ordem como podem ser cidades, normalmente representadas pelas colônias fenícias, assentamentos de segunda ordem como centros urbanos de menores dimensões ou núcleos fortificados para finalizar com enclaves de menor envergadura como aldeias, fortins, armazéns fluviais, bairros comerciais ou granjas seguindo um planejamento que foi proposto para outros lugares segundo a situação colonial ou entidades políticas.



ARQUITETURA I

Um pátio central aberto ao ar livre rodeado de quartos, um modelo que teve origem na zona do levante sírio-palestino. Nelas aparece a importância do eixo central da casa que além de ser um foco importante de iluminação e ventilação (saúde) já que estas casas careciam de aberturas ao exterior, também era um lugar onde se realizavam todos os tipos de atividades domésticas, convertendo-se em um importante espaço de socialização para seus habitantes.

ELEMENTOS DE ARTES

Elementos de artes delicadamente consistentes estabeleciam vínculos nos restos de trabalho de marfim, madeira, osso, ágata, ferro, prata e cobre encontrados como depósitos históricos em restos fenícios marcados em moldes de espadas, carregadas nas viagens ao Ocidente das “naves de Tarsis”, na época de Hiram I. (século X a.C.)



A SAUDADE

A saudade subiu nas naves, imensa e bruta derrubou a tranquilidade, cercados de mares, seus arredores peregrinavam entre a terra deixada e a terra procurada. Cruzando o mar em busca de paraísos a memória rivalizava com a
necessidade de navegar.

ARQUITETURA II

As casas típicas tinham um vestíbulo que levava a um pátio, este tinha uma importante função de criar espaços privados funcionando como um divisor entre a vida privada e pública, entre os próprios habitantes da casa e os visitantes provenientes do exterior que podem ser recebidos no pátio sem que tivessem acesso a outras partes da moradia.

O que nos permite deduzir a importância da privacidade e do recato há XII séculos no povo Fenício.



HALO

Um halo que esfuma as linhas de contorno despede a nitidez diminuindo e desalinhando formas marítimas. É nesse meio que se balançam os barcos, com impulsos primitivos giram impulsos semelhantes até esgotar suas energias.

NO CÉU

Com a vista no céu percorrem os astros, com os pés no convés singram todos os mares, desérticos de companhias, olhando de o topo dos mastros ver a graça das terras firmes validando a coragem, a inteligência e a linhagem que homenageia e valida o esforço dos seus antepassados.



BARCOS FENÍCIOS

Os mares assistiam perplexos os barcos fenícios indagando-se: “Quem são esses formidáveis que tanto podem? Suas origens, influência e valimento. Que força moral, física? Que certeza, robustez, suporte, tenacidade.” Confirmando-se mercadores firmaram e valorizaram os descobrimentos geográficos, a esteira das rotas marítimas, a sinuosidade das formas até parir as letras.

OS FARDOS

Levantar os fardos, poupar água e trigo, manter recluso o vinho, o azeite, o ferro, o chumbo, a púrpura. Os peixes produziam leve tremura na água avisando suas presenças, deixavam soberbos estrados iluminados pela prata da lua domando as ondas, reciprocamente, os olhos dos marinheiros planavam sobre as águas até encontrar o alimento planejado.



CLIMAS

Aguaceiros glaciais, tempestades tropicais, chuvas de verão, ciclones. Sufocados no calor, o frio cortante como faca, o zelo despencando no desmanche da rota, do entusiasmo, do destempero do tempo. Se os seus feitos não se agarrassem a causas tão nobres, teriam desistido, no limite das rupturas parte em fuga a paixão, desordena-se a dedicação, desalinha-se a esperança.

NAVE

Memória: a nave da eternidade.



MARCEL PROUST

O verdadeiro ato da descoberta não consiste em encontrar novas terras, mas sim em vê-las com novos olhos.



O VENTRE DOS MARES

Rasgando o ventre dos mares, desmoronavam os mastros, gemiam as madeiras, destramando os tecidos das velas a tempestade precipitava o ar até esgotar todos os fôlegos. Trovões berravam enfurecidos

zombando das rachaduras esfolando suas pontas aguçadas. Vacilantes seguiam para continuar suas viagens até onde se animassem de coragens extras as suas experiências.



ENROLAR O MAR

Enrolar o mar nas ondas e animar o vento em direção à rota sonhada, agasalha a corrente rasa das águas, veste a proa animada a ocupar um cimo embriagada pela maresia reunia todas as espumas.



TODA VEZ

Toda vez que o oceano ameaçava tragar as naus fenícias, derramava perigos nas velas e convés adornando grotescamente as expectativas.

ARQUITETURA III

Nas casas mistas onde havia espaço para comerciar, se situavam poços e cisternas que garantissem as reservas hídricas para os residentes e que em alguns casos costumavam estar acompanhados de silos para o armazenamento de grão. No século VI em Mozia uma casa tinha banho, revestimento hidráulico onde se alojou uma banheira. No bairro aristocrático de a acrópoles do Mediterrâneo Central, a “casa do sacerdote doméstico” elementos arquitetônicos, pinturas, pátio com enlouçados e porteados, capela votiva, sala de banho, andar superior.

Desta forma se reitera nessas descobertas a importância da higiene (saúde preventiva), do uso de recursos da natureza a serviço da vida (Freud conceituava esta uma das formas de fazer Cultura, a outra seria a Relação Entre os Humanos). O detalhamento recuperado mostra uma fantástica forma de moradia e cuidado local de trabalho. Vale o contraste do uso de reservas hídricas e o armazenamento dos grãos como pontos culminantes da cultura fenícia em relação a outras da mesma época.

LACUNAS

Maiores problemas encontra a arqueologia na hora de detectar aqueles membros da sociedade que menos evidências deixaram como crianças, anciãos, serventes e escravos, dificuldades por outro lado não serão desculpas para ignorar sua existência e abandonar a árdua tarefa da sua identificação.



SEGUNDA GUERRA PÚNICA

Saguntum era uma cidade protegida por Roma. Assim começou a 2^a. Guerra Púnica (218-211 a.C.). Sob o comando de Aníbal Barca, e com o apoio de aliados africanos, a guerra começou com surpreendente ofensiva cartaginense em que os exércitos cruzaram os Alpes com elefantes de guerra e impuseram várias derrotas aos romanos. Mas a guerra se prolongou demais, e terminou em outra derrota para Cartago, que perdeu a Espanha e se tornou um estado cliente de Roma.

ENROLAR O MAR

Enrolar o mar nas ondas e animar o vento em direção à rota sonhada, agasalha a corrente rasa das águas, veste a proa animada a ocupar um cimo embriagada pela maresia reunia todas as espumas.



TODA VEZ

Toda vez que o oceano ameaçava tragar as naus fenícias, derramava perigos nas velas e convés adornando grotescamente as expectativas.

SAIDOS DAS GUERRAS

Saídos das guerras com as almas demolidas, os corpos fatigados, plantadas as sepulturas, os prantos se constituíram em movimentos involuntários, eram o único meio de passar do desespero à esperança, continuar esse ofício de sobreviver, de dar-se hospitalidade.



MARINHEIROS FENICIOS

Quando cantavam os marinheiros fenícios ofereciam às estrelas doces amores adiados, versos sinceros procedentes de saudades deixadas portos, nos beijos atirados, arrastando-se na esteira das frotas que dominavam os mares alimentavam o reencontro no retorno e as desculpas ante os naufrágios.

ALINHAVOS

A cultura imóvel necessita como complemento natural a cultura móvel com a que dialoga em silêncio. Faltam testemunhos, documentação, correndo o risco de saltar no vazio recorro a memória, às palavras e aos atos que presentificam evidências históricas nem sempre valorizadas como a presença viva do passado no presente. Corro riscos, um salto no tempo que através das tradições poderão ser alinhavados.



LEME E REMOS

Os navios fenícios foram os primeiros a ter leme. Também foram eles que tiveram a ideia de distribuir os remadores em duas linhas, criando a bi remo, que depois ganharia mais uma linha, tornando-se tri remo. Esses eram navios de guerra, os remadores extras davam velocidade em manobras de abordagem, bater em outro navio para afundá-lo, que se tornou a principal forma de guerra naval da época.

UM SOL DE FOGO

Um sol de fogo, cruel, incandescente lançava queimaduras estreitando as distancias entre nós, etiquetando sua marca, exibindo originalidades. Tanto na montanha de pedra como nos mares nem sempre calmos, o sol de fogo, constante companhia se fartava ora atracando-se com fúria, ora acariciando as peles obedientes e tímidas ao ver como ele se atira.



TERCEIRA GUERRA PÚNICA

Os sentimentos de vingança pela quase derrota nunca foram esquecidos. A 3ª. Guerra Púnica foi simplesmente o massacre de Cartago. A frase delenda est Cartago (Cartago deve ser destruída) vem dos discursos do senador Cato para convencer os romanos a eliminar a cidade. E eliminada foi. A população foi escravizada, a cidade, queimada, e a história dos fenícios, apagada.

VELAS

Os navios de transporte usavam principalmente velas. Mas a criação fenícia mais duradoura é o alfabeto, do qual deriva o nosso. Usar letras para passar sons, e não ideias, como hieróglifos, foi uma simplificação revolucionária.



O FRIO DOS IMIGRANTES

A brisa marinha que lhes arrasta por lá e aqui põe a prova todas as virtudes e todos os vícios, uns tendo memórias na comida, outro nas companhias perdidas, outros pela ternura levada, outros pela poesia e a terra dos cedros. Todas as noites se deitam com odores, as paisagens, os cantos e despertam com o frio dos imigrantes.



Roberto Curi Hallal

